

INSINUAÇÕES SOBRE MUDANÇA LINGUÍSTICA EM PERNAMBUCO: UMA ANÁLISE DE NATUREZA LEXICAL

Edmilson José de Sá (AES-A-CESA)

edmilsonjsa@hotmail.com

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho versa sobre a variação lexical na fala de Pernambuco, usando como corpus os dados do Atlas Linguístico do Estado. Esse trabalho de natureza geolinguística foi concluído a partir de inquéritos realizados em 20 municípios distribuídos pela extensão territorial pernambucana, de Afrânio a Recife e de São José do Egito a Tacaratu, a partir dos quais foram construídas cartas linguísticas responsáveis por documentar as ocorrências fonéticas, léxicas e morfossintáticas encontradas na pesquisa.

Por ora, serão analisadas algumas das designações léxicas encontradas nos inquéritos, no intuito de perceber em que casos se pode pensar numa mudança linguística ou na preservação de uma variação estável, considerando a dimensão diageracional em dois níveis etários, dos 18 a 30 anos e dos 50 a 65 anos, como foi usado na escolha dos informantes.

Para esse fim, foram separados os dados referentes às ocorrências léxicas para *gangorra*, *pinguela*, *onda de rio*, *terra umedecida* e *bola de gude*. A partir dos percentuais estratificados para cada variante, será possível verificar o que permanece estável, o que está em progresso e o que está em processo de mudança.

Com este trabalho, será possível perceber mais enfaticamente como se desenvolve o léxico falado em Pernambuco, não eximindo, contudo, que outros estudos sobre a fonética e a morfossintaxe sejam realizados com a mesma finalidade do trabalho em tela, verificar aspectos de variação e mudança do português brasileiro.

2 VARIAÇÃO E MUDANÇA: UMA BREVE DISTINÇÃO

Quando se faz uma relação da variação com a mudança linguística, comumente são proporcionados alguns questionamentos que, há muito tempo, intrigam os linguistas tais

como: Por que os padrões linguísticos mudam? De que maneira se pode mudar um sistema linguístico? Que mudanças são possíveis nas línguas naturais e que fatores promovem ou detêm a mudança dentro do sistema linguístico e social?

Algumas respostas a essas indagações têm sido focalizadas sob diferentes perspectivas que vão da Neogramática à Sociolinguística.

Os Neogramáticos justificavam a mudança linguística a partir da regularidade da mudança fonética e da analogia. Já na perspectiva estruturalista, a mudança perpassa pelas questões da evolução ou do efeito estático da língua, conforme preconizado por Saussure [1916](1986).

Na perspectiva de Labov, Herzog & Weinreich (2006), a mudança linguística é uma consequência esperada da estrutura interna das línguas naturais. Além disso, os teóricos afirmam que nem toda variação e heterogeneidade implicam mudança. Todavia, toda mudança implica variação e heterogeneidade.

A concepção de mudança para Labov (*op cit*) segue os princípios do *uniformitarismo*, pois esses esclarecem acontecimentos passados a partir da atualidade, ou seja, é possível compreender os processos decorridos a partir da observação do que está em curso.

Assim, pode-se observar o que muda na língua conforme as variáveis apreendidas sob tipificações etárias distintas, ou seja, na perspectiva do *tempo aparente*, de modo a diagnosticar se se trata de uma variação *estável* ou uma mudança *em curso*.

No caso de a análise sob diferentes faixas etárias não representar mudanças na comunidade, mas caracterizar um padrão que se repete diageracionalmente, são realizadas observações *em tempo real*, contrastando dois ou mais períodos de tempo, perfazendo, assim, a estratégia necessária para a compreensão de uma mudança em curso. Sobre o trabalho com essas observações, Labov (1994, p. 84) afirma:

A interpretação dos dados em tempo real, de estudos do tipo em *painel* ou de *tendências*, requer um modelo subjacente de como os indivíduos mudam ou não mudam durante sua vida, como as comunidades mudam ou não mudam ao longo do tempo, e o que pode resultar da combinação dessas possibilidades. As combinações mais simples produzem quatro padrões distintos: estabilidade, gradação etária, mudança geracional e mudança comunitária (tradução nossa).¹

¹ The interpretation of real-time data, drawn from panel studies or trend studies, requires an underlying model of how individuals change or do not change over time, and what may result from combinations of these possibilities. The simplest combinations produce four distinct patterns: stability, age-grading, generational and communal change.

Contudo, embora os dados em *tempo real* possam parecer ideais para investigar a mudança linguística, Bailey (2003, p. 234) adverte que esses dados devem ser interpretados com cautela, pois diferenças linguísticas entre dois períodos de tempo não representam necessariamente as mudanças autênticas no vernáculo de uma comunidade, mas, na verdade, podem ter a ver com diferenças de metodologia de entrevista, de procedimento de amostragem ou demografia da comunidade. No entanto, quando criteriosamente utilizados, tanto dados de tempo real, como de tempo aparente são indispensáveis na compreensão de mudança linguística em progresso.

Por isso, pode-se concordar com Labov (1994, p. 568) ao dizer que “quando a língua muda, sua capacidade de transportar informações, muitas vezes, é ameaçada; mas, a longo prazo, a maioria das línguas realmente preserva seus meios de transmissão de informações”.

Dentre as línguas com esse comportamento, destaca-se o Português e, em particular, o Português Brasileiro, seja por constituir um campo fértil para discussão de postulados relativos à variação e à mudança, seja por contribuir para a construção de generalizações teóricas sobre o estudo da linguagem.

3 A VARIAÇÃO LEXICAL NO BRASIL

Uma das formas de se perceber a existência de uma possível mudança na língua ou apenas insinuação de uma variação estável é através do léxico. Mas isso não é registrado em trabalhos apenas em trabalhos eminentemente sociolinguísticos. No campo da dialetologia, verificam-se mudanças correntes no léxico de vários estados brasileiros. Convém, então, apresentar alguns aspectos da variação lexical em atlas linguísticos, principais produtos da dialetologia.

No atlas de Minas Gerais, por exemplo, foi percebido que as cidades localizadas no norte de Minas demonstraram preferências pelo uso de determinadas palavras, como *china* (bola-de-gude), *neve* (cerração), *chuva-de-flor* (granizo), entre outras.

Já os mineiros do sul do estado e do Triângulo Mineiro apresentaram ocorrências lexicais como *rabicó* (animal sem rabo) e *chuva-de-rosa* (granizo).

Na Paraíba, por sua vez, foram encontradas respostas curiosas e que foram inseridas no atlas linguístico do estado. Para *soutien*, também foram proferidas as respostas *corpete*, *califon*, *porta-seio*, *guarda-seio* e *bustiê*. Para útero, também foram encontradas *mãe do corpo*, *bacia*, *ventre* e *ventre da mãe*.

No caso do *tornozelo*, foram encontradas variantes do tipo *rejeito, junta, mocotó, junta do pé, osso de São Severino* e *osso do gostoso*. E para *rótula*, também apareceram as variantes *bolacha, bolacha do joelho, rodinha do joelho, cabeça do joelho, patinho* e *bolachinha*.

Ferreira et al (1987), no primeiro atlas de Sergipe, encontrou como variantes para *arco-íris* os termos *arco-celeste, olho de boi, arco de boi, arco da velha, arco de velho* e *arco*, enquanto Aguilera (1994), ao elaborar um esboço para o atlas do Paraná, encontrou, dentre outros resultados, designações para *útero* tais como *útero*, com 53% dos registros, *mãe-do-corpo* com 27%, *barriga* com 10% e *ventre* também com 10%.

Sentindo a necessidade de contemplar aspectos não mencionados num primeiro trabalho, Cardoso (2002) elaborou o segundo Atlas Linguístico de Sergipe como tese de doutorado. Nesse atlas, a professora procurou coletar respostas para o campo semântico *homem*. Além disso, convém mencionar que tais designações permitem compreender melhor o regionalismo sergipano, a exemplo da designação *tunco* para *muxoxo*, alcunha nordestina para o estalo que se dá com a língua e o céu da boca, para indicar desprezo ou desdém.

No Amazonas, a pesquisa realizada em nove pontos de inquérito resultou em algumas variantes curiosas no campo lexical, como foi o caso das designações para *cambalhota*, que teve como respostas *carambota, calambota, carambola, calhambota, calambiota, calhambiota* com 82% dos registros, *salto / pulo mortal* com 9%, *cangapé* com 6% e *bunda-canastra* que teve 3%.

Em 2010, foi publicado o último atlas regional, o do Estado do Ceará. Nele há algumas cartas lexicais com uma quantia relevante de variantes, como é o caso da carta 7 para *ventania*, que documentou *cicrone, temporal, tufão, vento celeste, viração, aguaceiro, terremoto, trevoada, trovoada, vento brabo, vento forte* e *vento geral*.

4 O LÉXICO PERNAMBUCANO, VARIAÇÃO E MUDANÇA

Para compor o banco de dados do Atlas Linguístico de Pernambuco (ALiPE), recorreu-se a dimensões sociais, que permitissem uma melhor compreensão do falar pernambucano, justificando determinadas marcas dialetais existentes no Estado.

A começar pela perspectiva diagenérica, teoricamente se parte do princípio da perspectiva em que Lakoff (1973, p. 49) aponta distinções entre a preferência lexical do falante com base no gênero que possui e exemplifica que as mulheres usam designações para cores tais como *lilás, bege, lavanda* e *magenta*, mas os homens não. Isso também foi

percebido em adjetivos do tipo *adorável*, *charmoso*, *divino*, *adorável* e *doce*, que raramente são proferidos por homens.

Diante do preterimento da variação de prestígio por parte do homem na maioria das pesquisas e dos elementos que diferem a sua linguagem da falada pela mulher, Holmes (1998) expõe algumas tendências sociolinguísticas que ele considera universais, como, por exemplo:

- a) As mulheres e os homens desenvolvem diferentes modelos de uso da língua;
- b) As mulheres tendem a focalizar as funções afetivas de uma interação mais frequentemente que o homem;
- c) As mulheres são estilisticamente mais flexíveis que os homens.

Nas ocorrências registradas nas cartas do ALiPE, é possível destacar algumas oscilações no percentual, tomando como parâmetro a dimensão diagenérica.

Ao verificar as designações para *arco-íris* (carta 8), por exemplo, foram cartografadas 103 respostas distribuídas nas variantes ‘arco’, ‘arco-íris’, ‘arco-celeste’ e ‘olho-de-boi’. Somam-se a essas respostas seis ocorrências distribuídas entre ocorrências pouco quantificadas ou com registro único. Considerando, pois, o total geral de respostas válidas, pode-se chegar a uma interpretação apropriada a partir da tabela abaixo:

	Arco-íris	Arco-celeste	Arco	Olho-de-boi	Eclipse	Outras
Total	69	16	10	8	2	4
% H	47,8%	62,5%	80%	37,5%	100%	25%
%M	52,2%	37,5%	20%	62,5%		75%

Tabela 1: Percentual de ocorrências para arco-íris quanto à dimensão diastrática.

Nessa tabela, percebe-se uma tendência à mulher usar a considerada variante de prestígio ‘arco-íris’ mais do que o homem e ainda é responsável por caracterizá-lo com formas detentoras de tom mais afetivo, como ocorreu nas ocorrências únicas de ‘arco-de-aliança’, ‘réstia-de-luz’ e ‘véu’. O homem, por sua vez, preferiu usar formas mais conservadoras, como ‘arco-celeste’ ou simplesmente ‘arco’. A designação ‘olho-de-boi’, já documentada nos Atlas da Paraíba, de Sergipe, da Bahia e de Minas Gerais, embora com poucas ocorrências, parece se tratar também de um variante conservadora priorizada pela mulher.

No âmbito da *fauna*, o homem pernambucano parece conhecer mais do que a mulher por estar, no caso de um Estado com grande predomínio rural, mais diretamente ligado ao

Faixa etária	18 a 30	15	50%	8	47%	1	14%	5	83%
	50 a 65	15	50%	9	53%	6	86%	1	17%

Tabela 3: Distribuição de ocorrências para *gangorra* quanto à faixa etária

Pela tabela, encontram-se duas designações – ‘gangorra’ e ‘balanço’ - com proximidade nos percentuais de ocorrência, o que reflete, possivelmente, segundo encontrado em Naro (1994, p. 84), um caso de *variação lexical estável*. Comparando, em seguida, a oscilação existente entre e ‘canoa’ e ‘burrica’, entende-se o seguinte: O vocábulo ‘canoa’ atinge uma frequência maior entre os falantes mais jovens e diminui quando a idade do falante avança, refletindo um caso de *mudança em progresso*. Já no caso de ‘burrica’, em que ocorre o inverso, quando a frequência aumenta nos grupos de maior idade, caracteriza-se um *processo de mudança*, simbolizando a tendência em o vocábulo ser completamente arcaizado.

A tabela abaixo apresenta alguns casos do léxico em Pernambuco, cujas designações devem ser manter na fala espontânea ou tendem a sair do sistema.

Carta	Item	Variante estável	Mudança em progresso	Processo de mudança
2	Pinguela	Ponte	Passarela	Pinguela
3	Onda de rio	Correnteza	Corrente	Mareta
10	Terra umedecida	Molhada	Úmida	Zarolha, ensombrada
18	Bolsa, bruaca	Baú	Bolsa	Alforje
39	Bola de gude	Bola de gude	Bila	Ximbra

Quadro 1 : Casos com designações lexicais e sua manutenção na fala de Pernambuco

CONCLUSÃO

Estudos relacionados à heterogeneidade existente na língua portuguesa estão, cada vez mais, frequentes nas mesas dos pesquisadores em descrição linguística. Assim, a variação diacrônica se associa à variação social e à variação regional, no intuito de possibilitar múltiplos olhares para a língua falada em dada comunidade.

Com isso, este trabalho trouxe apenas uma amostra da evolução da língua no âmbito do léxico de Pernambuco, trazendo exemplos de itens comuns na linguagem corrente tanto na

fala de homens quanto de mulheres, bem como itens que estão começando a entrar no sistema ou insinuando uma arcaização a médio ou longo prazo.

Contando com as contribuições supracitadas, é conveniente que outras pesquisas sejam desenvolvidas acerca do falar pernambucano e, por extensão, do falar nordestino, pois, dessa maneira, haverá condições de propor comparações apropriadas à melhor compreensão da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

BAILEY, Guy. **Real and apparent time**. In: The handbook of language variation and change, ed. by J. K. Chambers, Peter Trudgill, and Natalie Schilling-Estes, 312-332. Oxford/Malden: Blackwell. 2003.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Atlas linguístico de Sergipe II. **Tese de Doutorado**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2002.

FERREIRA, Carlota. et al. **Atlas linguístico de Sergipe**. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Aracaju: Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

HOLMES, Janet. The Question of Sociolinguistic Universals. In: COATES, Jennifer (ed.). **Language and gender: a reader**. Oxford, 1998, p.461-483.

LABOV, William, **Principles of linguistic change**. Internal factors. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

_____. WEINREICH, Uriel & HERZOG, Marvin. **Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística**. Tradução para o Português de Empirical foundations for a theory of language change (1968), organizada por Marcos Bagno. São Paulo: Editora Parábola, 2006.

LAKOFF, Robin. **Language and woman's place**. New York: Harper & Row, 1973.

NARO, Anthony. Idade. In: MOLLICA, Maria Cecília. **Introdução à sociolinguística variacionista**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. (Cadernos didáticos da UFRJ)

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Editora Cultrix. 1986. [1916].

